ESPAÇO E LUGAR NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEIRA:
uma leitura da paisagem em *O Rio e eu*, de Lygia Bojunga Nunes*

SPACE AND PLACE IN BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE:
a reading of the landscape in Rio and I by Lygia Bojunga Nunes

EL ESPACIO Y EL LUGAR EN LA LITERATURA INFANTO-JUVENIL BRASILEÑA:
uma lectura del paisage en El Río y yo, de Lygia Bojunga Nunes

Janete de Jesus Serra Costa
Márcia Manir Miguel Feitosa

> *Narrar algo significa, na verdade, ter algo especial a dizer, e justamente isso é impedido pelo mundo administrado, pela estandartização e pela mesmidade* (ADORNO, 1980, p. 270).

Resumo: O presente trabalho objetiva realizar uma leitura literária da obra *O Rio e eu*, de Lygia Bojunga Nunes, à luz da teoria da percepção da paisagem, a fim de investigar como se constitui a relação afetiva da narradora-protagonista com o ambiente vivido, na medida em que a cidade se materializa ora como espaço, ora como lugar, e quais as inflexões dessa relação na identidade da protagonista. Para tanto, ressalta-se o entrelaçamento entre a Literatura Infanto-Juvenil e a Geografia Humanista Cultural, visto apresentarem maneiras peculiares de exprimir e ver o mundo, de desvelar o significado profundo da condição humana de ser no mundo, a partir do contato da personagem com o Rio de Janeiro.
Palavras-chave: Paisagem. Espaço. Lugar. Rio de Janeiro.

Abstract: The present work aims at a literary reading the book The River and I, by Lygia Bojunga Nunes, in light of the theory of perception of the landscape in order to investigate how affective is the relationship of the narrator-protagonist lived with the environment, as in which the city now as space is materialized, or as place, and the inflections of the relationship which the identity of the protagonist. To this end, we emphasize the links between the Children and Youth Literature and Cultural Geography Humanist, as they pose peculiar ways of expressing and see the world, to uncover the deeper meaning of the human condition of being in the world, from the contact with the character the Rio de Janeiro.
Keywords: Landscape. Space. Place. Rio de Janeiro.

Resumen: Este trabajo apunta a una lectura literaria del libro *El río y yo*, de Lygia Bojunga Nunes, en vista de la teoría de la percepción del paisaje con el fin de investigar cómo es la relación afectiva de la narradora protagonista con el medio ambiente vivido. de acuerdo como la ciudad se materializa, sea en la forma de espacio o sea en la forma de lugar. Con este fin, hacemos hincapié en los vínculos entre la Literatura Infantil y Juvenil y Cultural Geografía Humanista, ya que representan formas peculiares de expresar y ver el mundo, para descubrir el significado más profundo de la condición humana de ser en el mundo, desde el contacto con la naturaleza Río de Janeiro.
Palabras clave: Paisaje. Espacio. Lugar. Río de Janeiro.

1 INTRODUÇÃO

Lygia Bojunga Nunes representa, na evolução da Literatura Infanto-Juvenil brasileira, o ícone da maturidade criadora alcançada por essa literatura. Em 1982, por determinação do International Board on Books for Young People (IBBY), a produção literária da escritora foi reconhecida com o Prêmio Hans Christian Andersen, uma espécie de Nobel da Literatura Infanto-Juvenil, consagrando-a como a primeira escritora fora do eixo Europa-Estados Unidos a receber tal premiação. Na sua obra, enfatiza questões intrínsecas à existência humana, por meio das relações precípuas que estabelece entre o eu e o outro, até mesmo com o espaço.

*Artigo recebido em fevereiro 2012
Aprovado em maio 2012

Assim, a imaginação lúdico-crítica é a energia motriz da fabulação e a consciência da linguagem como construtora da realidade é a pedra basilar que sustenta o seu universo ficcional. Em 2004, recebeu, na Suécia, o prêmio Astrid Lindgren Memorial Award - ALMA, a maior premiação internacional até hoje conferida à Literatura Infanto-Juvenil.

Na obra *O Rio e eu* (1999), a trama ficcional se desenvolve numa linguagem coloquial, que narra uma história de memória tão presente na vida da narradora-protagonista. Na infância, os relatos amiúde da carioca Maria da Anunciação, empregada doméstica da família, fizeram com que germinasse no coração da protagonista um sentimento de afeição profundo pela cidade do Rio de Janeiro. Nesse sentido, a análise que se pretende realizar busca, na teoria da percepção da paisagem, embasamento para a leitura literária, sobretudo, na concepção de topofilia, que se refere aos sentimentos e valores atribuídos ao espaço físico pela experiência humana. Tal relação se evidencia primeiramente no imaginário da protagonista, que conhece a identidade do Rio de Janeiro por meio da reconvocação do passado vivido de Maria da Anunciação, em que o espaço físico e cultural da cidade vai sendo apresentado para a menina. Aos oito anos de idade, a personagem vai morar no Rio, associando realidade e memória, o que confirma o seu sentimento de afeição e identificação com a cidade. Os desdobramentos dessa relação topofílica, que se iniciou na imaginação infantil, se refletem no próprio traçado da identidade da protagonista. Assim, o entrelaçamento entre a Literatura Infanto-Juvenil e a Geografia Humanista Cultural objetiva desvelar os elementos que constituem os aspectos simbólicos e imaginários dessa relação, no intento de apreender o sentido da cidade, pois, para Tuan (1975, p. 156), "cidades são lugares e centros de significado por excelência".

2 A SIMBOLOGIA DO NOME

A criação literária infanto-juvenil é repleta de riqueza simbólica, multiplicidade de sentidos e valor estético, o que torna possível analisar e interpretar o seu rico discurso à luz de várias concepções dadas por outras áreas do conhecimento, como, por exemplo, a teoria da percepção da paisagem que, fundamentada na fenomenologia-existencialista, reconhece o valor dos textos literários devido às representações da experiência concreta dos lugares, através da reprodução da experiência perceptiva e vivida do ambiente pelos sujeitos.

Nesse sentido, o próprio caráter estético e literário desse gênero apresenta-se como significativa fonte de representação das questões sociais, culturais, psicológicas, subjetivas e identitárias do universo infantil. O que encontra reforço na assertiva de Barthes (2007, p. 21), ao argumentar que "a segunda força da literatura é sua força de representação". Com base nisso, o diálogo e a interpenetração com outros saberes tornam possível empreender uma leitura da representação do imaginário construído no discurso da memória e da identificação, atrelando tais reflexões às ideias associadas à topofilia, em que se desvela a interrelação entre os sentimentos de intimidade e afetividade vinculados ao lugar, bem como o sentido do lugar (*sense of place*).

Para o início da análise, faz-se relevante enfatizar a metáfora do nome da personagem que apresenta o Rio de Janeiro para a pequena gaúcha, uma vez que a atribuição do nome aparece como signo intrinsecamente motivado, em que o simbolismo e a conotação sociocultural desempenham a função precípua de revelar a identidade da personagem na enunciação e na ficcionalidade do texto narrativo. Nesse sentido, o antropônimo Maria da Anunciação não apenas designa a empregada doméstica, como também se apresenta dotado de significação, atribuído e utilizado conforme o seu contexto de inserção, o que se confirma desde o princípio da narrativa: [...] Muitos anos mais tarde, um dia me perguntando quando é que tinha começado o meu caso de amor com o Rio, eu fui voltando pra trás na minha vida, fui voltando, voltando, até chegar na Maria da Anunciação (NUNES, 1999, p. 7). A própria estranheza e o caráter de novidade do nome para a menina suscitam o profundo interesse pela personagem, como se pode observar no seguinte diálogo: "Eu já vi muita Maria, mas nunca da Anunciação. Tá vendo agora. Anunciação vem de anúncio? Vem. Anúncio de quê? O quê? O que a senhora anuncia?" (NUNES, 1999, p. 13).

Assim, durante o desenrolar da narrativa, o nome dessa personagem se justifica pelo papel que ela representa para o desencadeamento da relação da protagonista com a cidade do Rio de Janeiro. Tal argumento pode ser observado nos seguintes momentos: "[...] o Rio que a Maria da Anunciação tinha me anunciado existia sim! [...] Acho que foi por isso que eu me entreguei ao Rio tão pequena e tão de

longe: pelo jeito que a Maria da Anunciação me apresentou a cidade." (NUNES, 1999, p. 24).

O significado do nome justifica o seu valor para a narrativa, na medida em que se tem no nome da personagem "Maria" a metaforização da mulher. Além de ser um nome popular, faz alusão ao divino, à mãe de Jesus, sugerindo dedicação e pureza. De acordo com Manfred Lurker, no seu *Dicionário de Simbologia*, "Maria é a *rosamystica*, as cores branco e vermelho da rosa foram interpretadas como alusão à feminilidade pura e ao amor perfeito" (LURKER, 2003, p.421). No caso da personagem, trata-se de uma trabalhadora, uma passadeira que vai trabalhar na casa da narradora-protagonista. A personalidade simples, pura, apaixonada legitima a metáfora de seu nome. Esta observação encontra reforço no argumento de Laplatine e Trindade (2003, p.22) quando asseveram que "os símbolos são polissemânticos e polivalentes, aparando-se também no referencial significante que lhes propicia os sentidos, os quais contêm significações afetivas e são mobilizadores dos comportamentos sociais". Já no tocante ao segundo nome, "Anunciação", conforme o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, "deriva de anunciar, que significa divulgar, dar a conhecer, noticiar" (CUNHA 1997, p. 48).

Logo, Maria da Anunciação é a pessoa que apresenta à menina a existência da cidade do Rio de Janeiro e de todos os seus encantos, o que acabou por desenvolver na protagonista uma relação de encantamento e amor por um lugar que, por algum tempo, era desconhecido – construído e percebido pelo imaginário, até a vinda para a cidade, o que a fez confirmar tudo quanto foi "anunciado" por Maria da Anunciação.

3 A RELAÇÃO COM A CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Quanto às reflexões e memória, temos no conto uma narradora-protagonista que, numa linguagem simples e criativa, narra seu caso de amor pelo Rio de Janeiro. Tal relação eclode na infância: "eu era pequena, tinha seis anos; morando lá mesmo, na cidade onde nasci: Pelotas, Rio Grande do Sul. E o inverno já tinha chegado, quando a Maria da Anunciação apareceu lá em casa pela primeira vez" (NUNES, 1999, p.7). A partir da chegada de Maria da Anunciação à casa da menina, a cidade vai sendo apresentada através da memória individual da personagem, que, por estar distante da sua terra natal, rememora a identidade da cidade de acordo com as referências, lembranças e valores que possui, o que caracteriza o enraizamento como condição agregadora da memória, pelo seu sentido de pertença identitária. A assertiva encontra respaldo no argumento de Bosi (2003, p. 44) ao afirmar que "o sujeito mnemônico não lembra uma ou outra imagem. Ele evoca, dá voz, faz falar, diz de novo o conteúdo de suas vivências. Enquanto evoca ele está vivendo atualmente e com uma intensidade nova a sua experiência".

Assim, vêm à tona as características físicas e culturais do Rio de Janeiro, como as variedades linguísticas, as condições climáticas, a identidade cultural, os monumentos da cidade, os locais turísticos, sobrepondo-se às peculiaridades do Rio Grande do Sul, como se observa a partir destas citações: "o calorzinho do Rio; lá o que agente fala é você; O Redentor; o Corcovado; o bondinho do Pão de Açúcar; Igreja da Penha; o Carnaval; o Samba; a praia e o mar; o Leblon, dentre outros". Dessa maneira, o processo de identificação com a cidade vai se estabelecendo no imaginário da protagonista: "a minha imaginação trabalhava e trabalhava, fabricando na cabeça o Rio" (NUNES, 1999, p.18). De acordo com Laplatine e Trindade (2003, p.7), "a imaginação é o caminho que nos permite não apenas atingir o real, como também vislumbrar as coisas que possam vir a tornar-se realidade".

Partindo desses pressupostos, é possível verificar a intrínseca relação entre a criação literária e a paisagem, uma vez que o estudo da paisagem implica a perscrutação da sua representação. Torna-se pertinente, nesse momento, a explicitação do conceito de topofilia, criado por Tuan: "a palavra é um neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material. Estes diferem profundamente intensidade, sutileza e modo de expressão" (TUAN, 1980, p. 107).

Ainda acerca da topofilia, faz-se relevante a acepção do filósofo da imaginação poética, Gaston Bachelard, sobre essa ligação afetiva entre o homem e o lugar ou a natureza:

> Isso porque pretendemos examinar as imagens do espaço feliz. Nessa perspectiva, nossas investigações mereciam o nome de Topofilia. Visam determinar o valor humano dos espaços de posse dos espaços defendidos contra forças adversas, dos espaços amados. Por razões não raro muito diversas e com as diferenças que as nuanças poéticas comportam, são *espaços louvados*. Ao seu valor de proteção, que pode ser positivo, ligam-se valores imaginados, e que logo

> se tornam dominantes. O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e a reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação (BACHELARD, 2008, p. 19).

Conforme a teoria da percepção da paisagem, pode-se afirmar que a conscientização humana em relação ao espaço é diversificada e estabelecida por meio das diferentes percepções de mundo dos sujeitos, embasadas nos sentimentos intrínsecos à subjetividade humana (significados, sentidos, afinidades, desejos etc.). Para Lowenthal (1985, p.141), "cada imagem e ideia sobre o mundo é composta, então, de experiência pessoal, aprendizado, imaginação e memória". Outrossim, uma reflexão que marca o processo de construção da relação dos indivíduos com o espaço vivido reside no fato de que "toda paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras paisagens, que constituem um sistema geral"(SAUER, 1998, p.23).

Quando a narradora-protagonista trata do seu primeiro contato com a cidade do Rio de Janeiro, aos oito anos de idade, expõe toda a gama de emoções vivenciadas nesse momento real, remetendo-se à memória individual, o que enfatiza o início dessa relação topofílica:

> Afinal de contas, e você sabe muito bem disso, não é?, o nosso caso de amor começou pela imaginação. De te imaginar, eu te criei; de te criar, eu te amei; de te amar, eu me acostumei, eu me sentia sempre *perto* de você; e tudo isso aconteceu lá longe, bem no extremo sul do Brasil, sem nunca ter te visto sem nada (NUNES, 1999, p.26).

Nesse sentido, da ligação com o passado, se retira a energia fundamental que constitui a identidade, ou seja, "a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (LE GOFF, 2003, p. 423). Tal momento confirma seu encantamento que já existia pelo lugar; seus laços afetivos já estavam estabelecidos através da imaginação, por isso o sentimento de fascinação quando chega à cidade se torna mais profundo: "[...] me distraí lembrando que forte era *estar perto* de você; e que mais forte que ficou quando eu te vi pela primeira vez" (NUNES, 1999, p. 26). As lembranças são singulares, porque estão atreladas à consciência idiossincrática, à percepção e experiência vividas. Segundo Lowenthal (1985, p.140), "a superfície terrestre é organizada por cada pessoa pela refração através das lentes culturais e pessoais, dos costumes e fantasias".

O lado positivo da cidade – a beleza dos aspectos geográficos e culturais – encantaram a narradora-protagonista, desenvolvendo sentimentos e valores de afeição pelo ambiente, o que se confirma no seguinte relato: "e a brisa e o cheiro do teu mar me alvoroçou. Quando eu cheguei na esquina e te vi assim: praia e mar, e mais montanha lá do lado vigiando, puxa! Nem deu pra acreditar. Acho que foi nessa hora que eu me apaixonei de vez por você" (NUNES, 1999, p. 28). A nova configuração da cidade incita lembranças e causa nostalgia de um ambiente tranquilo e acolhedor que outrora foi o Rio de Janeiro, "lembra só o Leblon que você era naquele tempo? Edifício baixinho, casa, jardim, e só de vez em quando um prédio mais alto. Não passava muito carro nem muito ônibus, mas tinha tanta árvore espiando do fundo de cada quintal (NUNES, 1999, p.28)". Agora, o lado sombrio da cidade (violência, injustiça social, poluição, trânsito caótico etc.) se apresenta como elemento desencadeador de outros sentimentos – topofóbicos - como aversão e inconfortabilidade, que se apresentam nesse momento: "[...] eu não sentia a sensação de estranheza que, anos mais tarde, um dia, eu dei para sentir" (NUNES, 1999, p.26). Tal feição tomada pelas cidades é dada pelo progresso desenfreado e desumanizado que vai se instaurando com o passar do tempo, o que, para Tuan (2005, p. 233), se configura como uma espécie de paradoxo, pois:

> Por mais que a cidade tenha mudado com o correr do tempo, o conflito persiste entre o desejo por uma ordem socioestética imposta e a realidade das massas vivendo em um mundo dinâmico, mas confuso. É uma profunda ironia que frequentemente a cidade possa parecer um lugar assustador. Construída para corrigir a aparente confusão e o caos da natureza, a cidade em si mesma se transforma em um ambiente físico desorientador, no qual os prédios de apartamentos desabam sobre seus habitantes, ocorrem incêndios e o trânsito ameaça a vida e mutila as pessoas. Apesar de cada rua e prédio – e na verdade todos os seus tijolos e blocos de pedra – serem sem dúvida os produtos de planejamento e reflexão, o resultado final pode ser um imenso labirinto desordenado.

A identidade nacional também se evidencia nesse contexto da cidade enquanto parte do passado vivido. O momento histórico da ditadura militar no Brasil emerge na memória individual da narradora-protagonista por meio da imagem que promove a materialização do acontecimento.

> E o pior que foi justo num tempo em que se via por toda parte o slogan "ama-me ou deixa-me". Lembra

> desse anúncio que não sei quem andou inventando, e que pegou de um jeito que até você andou anunciando? [...] Ah! Eu fiquei danada da vida. Claro, ué! Danada de ver você pensando que eu ia engolir aquela pílula: acreditar que amar é perder o direito de reclamar, de criticar, de me opor ao objeto amado. Eu, hem? Então, pra te amar, eu tinha que ter sangue de barata? virar cordeirinho? aceitar, de boca fechada, todos os seus desmandos? (NUNES, 1999, p. 28-29).

A imagem remete ao contexto do "milagre" econômico brasileiro, em que surgiu o mito do Brasil potência, alimentado por *slogans* ufanistas difundidos pela propaganda oficial "Brasil, ame-o ou deixe-o". Nessa perspectiva, registra-se o vínculo existente entre memória individual e memória coletiva, indissociáveis e intimamente ligadas à identidade.

A partir desses pressupostos, compreende-se como os aspectos biográficos se evidenciam por meio da memória individual e da relação com o mundo vivido, imbuído de significado, porque a personagem se encontra envolvida pelo espaço que acaba por refletir sua identidade: "mas foi na tua Copacabana e, mais tarde, na tua Santa (Teresa), que eu vivi mais tempo e mais fundo, e onde senti raiz nascendo e minha história se escrevendo" (NUNES, 1999, p. 44-45). Diante das comparações que estabelece entre o Rio de Janeiro, construído na imaginação e o vivido (no restante da infância, juventude e fase adulta), com a nova configuração da cidade, surge o desejo de abandoná-la quando do afastamento da região urbana.

Posteriormente, a vida leva-a para mais distante – Londres. Tal momento acirra as comparações entre as cidades não só habitadas, mas vividas, de modo que compartilha com o leitor a luta psicológica entre o descontentamento com as mazelas atuais do Rio e a saudade da cidade antiga, chegando a insinuar o desejo de abandonar para sempre o Rio de Janeiro. Na narrativa, esse conflito se apresenta de maneira muito interessante, momento no qual o leitor tem a sensação de que a narradora-protagonista está amando concomitantemente duas cidades.

> Bom, mas ele é mais que você, não é? Já viveu tanto que tem mais é que saber que, se perde a história dele, ele se perde também. Eu sei, ficou até parecendo que eu tinha te esquecido: fui m'embora e fiquei três anos sem te ver, sem te visitar, sem, nem ao menos, te escrever uma ou outra palavrinha, em nome de todo o tempo que a gente viveu junto (NUNES, 1999, p. 55).

Nesse sentido, ambas as cidades são repletas de significação no que tange à experiência perceptiva e vivida. Diferenciam-se os valores que configuram a relação estabelecida com elas, porquanto os motivos que a levaram para cada uma delas são bastante diferentes. Assim, a argumentação de Tuan (1983, p.83) se faz pertinente ao afirmar que: "a familiaridade com o espaço é que o caracteriza como lugar e na sua elaboração conceitual a experiência e o contato topofílico proporcionam novas abstrações espaciais que poderão ser transformadas e comunicadas através de simbologias, palavras e imagens".

Viver em Londres foi devido "às circunstâncias da vida, meu casamento, meu trabalho, tudo. O que você queria? que eu largasse tudo pra lá" (NUNES, 1999, p. 60). Talvez por isso o tempo vivido na capital londrina não tenha sido capaz de apagar a identificação e a afeição com o Rio de Janeiro; a experiência imaginada e depois vivenciada com a cidade faz parte da sua biografia. Os sentimentos percebidos e sentidos nessa relação complexa entre ela e a cidade fizeram do Rio de Janeiro o *seu lugar* que, segundo Tuan (1980, p. 107), pode ser o "*lar*, o *locus* de reminiscências". Porquanto, para a narradora-protagonista, a relação com a cidade é identitária, "[...] você tem sido tão parte de mim, da minha vida, que eu acabo sempre fechando contigo. Se tive dúvidas, já não tenho mais; sem você, eu sou bem menos eu" (NUNES, 1999, p. 62). Os relatos de vida da personagem se apresentam como exercício psicológico dotado de sentido e energia, em que a personagem se presentifica a partir da exposição da sua interioridade, estreitando a distância entre o narrado e o vivido, porque "na história de vida, perder o tempo é perder a identidade, é perder-se a si mesma" (BOSI, 2003, p. 45). Desse modo, apresenta a cidade vivida não só como lugar que, para Tuan (1980, p. 107), é o "veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como símbolo", mas também enquanto espaço topofóbico, em que as dimensões culturais e históricas do espaço geográfico representam a relevância do sentido dos lugares e de suas representações simbólicas, enquanto aspectos integrantes da identidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Da análise literária da obra *O Rio e eu*, de Lygia Bojunga Nunes, confirma-se o argumento de Barthes (2004, p. 4) quando advoga que "o mundo da obra é um mundo total onde todo o saber (social, psicológico, histórico) tem cabimento, de modo que a literatura tem para nós essa grande unidade cosmogônica de que

fruíam os antigos gregos". Destarte, o entrelaçamento entre a Literatura Infanto-Juvenil e a Geografia Humanista Cultural é enriquecedor para explicar a complexa relação entre linguagem literária, memória, identidade e imaginário, intimamente vinculados à percepção e à experiência dos lugares. À luz da teoria da percepção da paisagem, em que o espaço se configura como uma categoria essencial para a diegese da narrativa, é possível compreender como se configura a relação da narradora-protagonista com o mundo vivido, a partir da representação da subjetividade humana que se reflete na memória, atitudes e valores, demonstrados ao longo do universo ficcional da obra.

O processo de identificação da narradora-protagonista com a cidade do Rio de Janeiro é uma identificação consigo mesma enquanto parte do ambiente vivido e, outrossim, como ser no mundo. É nessa relação topofílica, em que a cidade maravilhosa imaginária e real ocupa lugar de ênfase, que ela, pela memória, enquanto produtora de significação, materializa a cidade como *lugar*, numa narrativa de cunho autobiográfico em que a escritura literária se configura de maneira clara, generosa e poética, revelando a "transcendência do vivido pelo contato com o mundo" (LOWENTHAL, 1985, p. 120).

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: _____. *Os pensadores.* São Paulo: Abril Cultural, 1980.

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

_____. Da ciência à literatura. In: *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, p 3-12, 2004.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória*: ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico da literatura infantil e juvenil brasileira*. São Paulo: Ed. Companhia Nacional, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

LAPLATINE, François; TRINDADE, Liana. *O que é imaginário.* São Paulo: Brasiliense, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão. Campinas: UNICAMP, 2003.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: em direção a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio (Org.). *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: DIFEL, p. 103-141, 1985.

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

NUNES, Lygia Bojunga. *O Rio e eu.* Rio de Janeiro: Salamandra, 1999.

SAUER, Carl. A morfologia da paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDHAL, Zeny (Org.). *Paisagem, tempo e cultura*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, p. 12-74, 1998.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

_____. *Espaço e lugar:* a perspectiva da experiência. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. *Paisagens do medo*. Tradução Lívia de Oliveira. São Paulo: Ed. UNESP, 2005.

_____. Place: an experiential perspective. In: *The geographical review*. American Geographical Society of New York. v. LXV, n. 2. 1975.